

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

Mariana Schuh

Por uma clínica do corpo-sensível:
uma aposta

Porto Alegre
2022

Mariana Schuh

Por uma clínica do corpo-sensível:
uma aposta

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de bacharela em
Psicologia do Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Analice de Lima
Palombini

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Schuh, Mariana
Por uma clínica do corpo-sensível: uma aposta /
Mariana Schuh. -- 2022.
43 f.
Orientador: Analice de Lima Palombini.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Psicologia, Bacharelado em Psicologia, Porto
Alegre, BR-RS, 2022.

1. Clínica. 2. Corpo-sensível. 3. Arte. 4.
Política. I. Palombini, Analice de Lima, orient. II.
Título.

Mariana Schuh

Por uma clínica do corpo-sensível:

uma aposta

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de bacharela em
Psicologia do Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Analice de Lima
Palombini

Apresentado em: Porto Alegre, 6 de outubro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof^a Analice de Lima Palombini
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Comentadora: Prof^a Cristiane Knijnik
UNISINOS

Dedico esta escrita à beleza dos encontros

AGRADECIMENTOS

Agradeço a rede de afeto e companheirismo que possibilitou e sustentou não só a escrita deste TCC mas, também, toda a minha trajetória na graduação.

Agradeço aos meus pais, pela aposta e pelo cuidado, dedicados de coração. Agradeço, também, pelo que compartilhamos. Mãe, fico feliz e grata por compartilharmos o gosto pelas palavras. Agradeço pelos chás quentinhos que compartilhamos tarde da noite, pós-aula, enquanto eu ainda morava contigo. Pai, agradeço pelos momentos em que compartilhamos histórias: aqueles sob a luz do sol, comendo bergamotas e, também, aqueles em que tu me acompanhava até a parada de ônibus, quando o sol ainda não tinha nascido.

Agradeço ao Júlio, meu irmão, que desde a barriga esteve tão pertinho de mim e que me ensina sobre o amor que mora na diferença.

Agradeço à tia Therezinha, minha madrinha de vida, pela torcida, pelo afeto e pela dedicação.

Agradeço aos meus amores queridos: aos amigos que, com tanto carinho, inspiração, alegria e amor, me encorajam à reinvenção diária; e aos meus companheirinhos de lar, de cotidiano, de vida - Dudu, Alvus, e Luna-, que me despertam o encantamento pelas pequenezas cheias de afeto que compartilhamos no dia-a-dia.

Amo imensamente todos vocês.

Agradeço a educação pública, que transformou o meu percurso de formação e para a qual desejo mais acesso e menos elitização. Agradeço aos encontros potentes que se fizeram nesse caminho bonito e difícil.

À professora Analice, pela orientação acolhedora, pelo acompanhar e pelo encorajamento às escritas dançantes e errantes.

À professora Lílian, pela escuta atenciosa, que tornou possível minha inserção na pesquisa dentro da universidade.

Agradeço os espaços pelos quais transitei dentro e fora da universidade, que me transformaram e me transformam diariamente, e que me convocam a criar novos modos de pensar, de fazer, de existir.

Agradeço à Terra, na qual habito e que habita em mim, e que me ensina a amar grande e sem medo.

*Antes de ser poeta
Sou poesia
Meu corpo dança
Minha vontade canta
Meus olhos aprendem
Meus ouvidos saboreiam
Sou poesia por todos os poros
Sinto o mundo com o vento
Cheiro a vida com a pele
Toco o tempo com as mãos
Me descobri poeta
Quando me olhei sendo poesia*

Caroline Almeida

RESUMO

Esta escrita deseja colocar em questão a presença do corpo-sensível na clínica, partindo de alguns recortes sensíveis de experiências corporais da autora em diferentes contextos para, em seguida, percorrer um trajeto histórico-político sobre o estatuto do corpo e problematizar o lugar que este tem ocupado dentro da produção de conhecimento. Após, o texto avança em uma análise sobre o funcionamento do corpo-sensível, que se encaminha para uma discussão sobre as possíveis articulações entre arte, política e clínica, a qual busca brechas para uma aposta na (re)invenção dos fazeres psi, dentro de uma perspectiva que entende ser necessário fazer desvio das forças de captura do sistema capitalista neoliberal. Para concluir, a autora traz suas implicações com o corpo-sensível como devir-psicóloga e propõe uma clínica que integre o corpo-sensível às suas práticas como dispositivo de potentes movimentos, compreendendo que a clínica se constitui a partir da experiência, do acontecimento e da relação com o outro.

Palavras-chave: Clínica; Corpo-sensível; Arte; Política.

SUMÁRIO

1 SOBRE UM SILÊNCIO, UMA DANÇA, UM ATENDIMENTO, UM ACOMPANHAMENTO	9
2 DA RAZÃO AO CORPO	16
3 BRECHAS PARA UM CORPO	24
4 INTERROGAÇÕES À CLÍNICA	33
5 (IN)CONCLUSÕES	38
REFERÊNCIAS	40

1 SOBRE UM SILÊNCIO, UMA DANÇA, UM ATENDIMENTO, UM ACOMPANHAMENTO

Penso e sinto que este trabalho de conclusão de curso vem sendo gestado há um bocado de tempo, que não está compreendido somente no período que estive na graduação, mas também, no que existiu antes dele. Os ventos, os sóis e as chuvas que por aqui passaram foram desenhando alguns caminhos. Caminhos esses que foram atravessados por tantos outros e que me atravessaram de tantas formas. Aqui, este trabalho nasce na forma de um transbordamento de afetações que tenta ser traduzido em palavras - dentro dos alcances possíveis delas, assim acredito.

O tema sobre o qual me/nos proponho/propomos a pensar - o corpo-sensível - nasce, também, de um desejo que, aqui, possibilita e sustenta a tecitura desse registro. Desejo de construir e de atravessar novos caminhos que nos permitam continuar (re)inventando uma clínica política e produtora de vida. Assim, em um cenário que tem operado, cada vez mais, a lógica neoliberal, e em busca de uma prática desnormalizadora, trago o corpo-sensível como aposta de uma clínica da resistência.

Existe algum ponto de partida? Acho que não, acho que sim. Não estou certa de que a lembrança alcança algum ponto de partida - no meu caso, não foi possível localizar o ponto no espaço do tempo no qual minha relação com o corpo-sensível teve seu início - mas, ela alcança algumas memórias-pistas, que me parecem importantes nesse processo, já que circunscrevem muitos dos sentidos que compõem este trabalho que, por sua vez, me permitem, também, melhor elaborá-lo¹.

Então, como em uma análise, em associação-livre, penso que a minha relação com o corpo-sensível surgiu do silêncio. Acho que foi mais ou menos assim: em alguma época, estava empenhada em (re)aprender a respirar com mais (des)atenção. Acredito que por conta de persistir, em mim, um palpite de que o ritmo frenético dos dias havia me desensinado a fazer isso. Aconteceu que, uma vez, respirei tão fundo que pareceu abrir-se um espaço no tempo, um vazio tão cheio de

¹ Elaboração é um termo introduzido em 1967 por Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis para traduzir para a língua francesa o verbo alemão *durcharbeiten* (elaborar, trabalhar com cuidado), empregado por Sigmund Freud para designar o trabalho do inconsciente que é próprio do tratamento psicanalítico. Esse verbo e o processo que ele designa não têm, em Freud, o estatuto de conceito que lhes é justificadamente atribuído pelos autores franceses. A perelaboração (elaboração inconsciente) permite ao analisando integrar uma interpretação e superar as resistências que ela desperta (ROUDINESCO, 1998).

tudo. E ele estava ali. O silêncio. E, aqui, assim como Manoel de Barros², usarei as palavras para (tentar) compô-lo.

Acho que, a partir do silêncio, foi possível estar com os poros abertos à experiência do corpo-sensível. Parece-me pertinente usar essas duas palavras juntas, assim mesmo - corpo-sensível -, dado que a junção delas dá mais conta do que quero expressar aqui: o encontro da materialidade com o sensível. Às vezes, penso que nem parece um encontro, pois não é como se algo o antecedesse. No que pretendo narrar aqui, o corpo e o sensível são conjunto, acompanham e potencializam a existência um do outro.

Assim foi: o silêncio me propôs estar mais atenta ao sentir, e eu aceitei. Comecei, então, através do corpo-sensível, a escutar-ver, com mais cuidado e zelo, o vento, as palavras, as cores, as árvores, as pessoas.

*A voz pura do silêncio quis dizer
Sem dor nem dó
Que as cores da beleza sabem ver
Quem está só*

Silencia - Ceumar

Tempos depois, aconteceu meu encontro com a dança, e lá estava eu, novamente, de cara com o corpo-sensível. Dessa vez eu já o conhecia melhor, mas olhei em seus olhos e o enxerguei de outros modos. Em um primeiro momento, no dançar sozinha, depois, acompanhada de outres. Devo admitir que, depois do silêncio, já me percebia mais atenta a outras nuances do corpo-sensível e identificava outras de suas sutilezas. No dançar sozinha, percebi os pequenos movimentos do meu corpo, suas sensibilidades, suas resistências, suas flexibilidades. Ele também mostrava suas escolhas: onde e como e quando se deixava cair, onde e como e quando perseverava, onde e como e quando esperava. Ia lá, onde a palavra não alcançava e, de alguma forma, parecia me dizer sobre os meus próprios movimentos no mundo.

Por outro lado, na dança com outres, a maneira de perceber o corpo-sensível aconteceu de outro jeito, mas ainda estavam presentes elementos dos dois primeiros encontros. Nesse momento, foi necessário aprender a perceber os movimentos do outro, mas não só. Ao estar atenta aos seus movimentos, percebi,

² Inspirado no poema *O apanhador de desperdícios*, do livro *Memórias Inventadas*.

retomando um pouco do que contava antes, que ali também se expressavam, em sua condução, seus jeitos e suas condutas: seu modo de cair, de continuar, de esperar e, também, de comunicar tudo isso a quem lhe acompanhava.

Assim, vi que já não era possível somente conduzir alguém ou ser conduzida, era preciso, também, uma construção conjunta dos passos, das direções e, até mesmo, das piruetas. Vi que, ali, era necessário, novamente, apresentar-me com o corpo-sensível, pois dançar com o outro parecia, também, tratar-se de uma escuta, e, para se escutar bem, busquei uma atenção corpo-flutuante³ e tentei observar o que se dava na transferência⁴.

Enquanto isso, na minha trajetória acadêmica, começava a fazer atendimentos clínicos e, ali, me vi novamente convocada a pensar sobre o corpo-sensível e vi a possibilidade de incorporar as ferramentas que me acompanhavam até então. Afinal, na clínica, estava mais uma vez de frente ao outro.

Por conta da pandemia do COVID-19, os atendimentos se deram de forma *online* e, assim, ficou colocada outra questão: como comparecer com o corpo-sensível através dessa modalidade? Assim, pelas telas, o corpo-sensível vestiu outra roupa: dessa vez uma um pouco apertada, talvez não tão aconchegante. Mas, enfim, era a veste possível e, em alguns momentos, ela até mostrava uma dupla-face, possibilitando um olhar para outros caminhos a percorrer dentro da clínica. Entendo que, tanto eu, como terapeuta, quanto as pacientes que atendi, nos fizemos presentes da forma que foi possível, e construímos, à maneira singular de cada relação, nossos modos de dançar e de inventar outras coreografias.

No entanto, em busca de caminhos para comparecer com o corpo-sensível, encontrava algumas dificuldades. No *setting*, não apareciam nem todos os sentidos,

³ Atenção flutuante é um termo criado por Sigmund Freud, em 1912, para designar a regra técnica segundo a qual o psicanalista deve escutar seu paciente sem privilegiar nenhum elemento do discurso deste, deixando que sua própria atividade inconsciente entre em ação (ROUDINESCO, 1998). O autor Maurício Porto, no texto intitulado *A pólis arquipélago: notas do acompanhamento terapêutico*, parafraseia Freud e utiliza a expressão “atenção corpo-flutuante” para apontar que é o corpo inteiro do AT (acompanhante terapêutico) que flutua na afetação com o ambiente, no qual acontece o acompanhamento terapêutico. Além disso, na “atenção corpo-flutuante”, a matéria da cidade predomina e a fala representa apenas uma parcela de tudo o que toca o AT (PORTO, 2013).

⁴ Termo progressivamente introduzido por Sigmund Freud e Sandor Ferenczi, entre 1900 e 1909, para designar um processo constitutivo do tratamento psicanalítico mediante o qual os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos (ROUDINESCO, 1998).

nem todas as expressões, nem todos os silêncios, nem a totalidade dos corpos. O som das vozes transmitido pelos equipamentos parecia um pouco equalizado, o que dificultava, bastante, perceber as nuances do que se ouvia. Além disso, muitas vezes, pelas questões de conexão, o que era transmitido - sons e imagens - ficava um pouco fragmentado. Também, por conta da dificuldade da disponibilidade de *internet* de uma das pacientes, realizávamos os atendimentos via chamada telefônica e, assim, além das lacunas que já se apresentavam até ali nos atendimentos remotos, deparei-me com a falta de um rosto, de uma expressão, de um semblante.

Depois disso, me vi novamente com a questão do corpo-sensível quando comecei o estágio em políticas públicas, no projeto Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública (AT na Rede), da UFRGS . Por se tratar, então, de uma clínica que se move pela cidade, não estava colocado, ali, apenas o dançar com o outro mas, também, o dançar com as ruas, com a Rede, com os vínculos da pessoa acompanhada.

Já no primeiro encontro com a acompanhada, fui advertida de que o meu primeiro passo para o nosso caminhar juntas seria estar atenta ao tempo, já que costumo andar bastante rápido, tomada pelo ritmo do trabalho, da cidade, da produtividade. Encontrei Rosa⁵ e, em nosso primeiro minuto juntas, percebi que ela caminhava bem mais devagar do que eu. Assim, aos poucos, fui diminuindo o ritmo dos meus passos, para acompanhar Rosa, e percebi que seu caminhar subvertia muito da lógica ao seu redor, tão tomada pela rapidez, pela produção, pelo resultado. No ritmo do seu caminhar, era possível encontrar-escutar-ver tantas bonitezas e detalhes perdidos pela cidade. Ufa. Agradeço, Rosa, por me ensinar a caminhar melhor.

No início de outro encontro, Rosa me conta, bastante aflita, que havia tido uma crise quando estava indo à Unidade de Saúde (US) para buscar alguns medicamentos para sua mãe. Me relata também que, a caminho do serviço, havia começado a ter algumas visões e que, ao chegar lá, disseram que ela não poderia ir embora até que sua crise tivesse passado.

Rosa me conta que se sentiu muito mal ao impedirem que ela fosse embora e que uma funcionária do serviço havia falado com sua mãe por telefone, na sua

⁵ No decorrer do trabalho, utilizei o nome Rosa para me referir à acompanhada. Rosa me lembra a flor rosa, a rosa-amarela, por seu olhar sempre tão alegre e delicado.

chegada em casa. Relata que a mãe teria falado para a funcionária da US que sempre podiam contar com ela quando fosse preciso prender Rosa, o que a deixou muito angustiada. Nesse momento, me passa, pelo pensamento, algum discurso pré-estabelecido do campo da saúde e cogito dizer à Rosa que o ocorrido teria sido uma tentativa de cuidado do serviço. No entanto, olho para Rosa e vejo que o que ela me apresentava, naquele momento, era o seu total desconforto com aquela situação. Seu olhar preocupado e desapontado, sua postura paralisada e recolhida. Diante de tudo isso, me pergunto: o que seria, de fato, poder oferecer algum cuidado?

Assim, após alguns instantes entre meus devaneios, apenas digo à Rosa que parecia ter sido difícil passar por aquela situação e que eu estava ali para escutá-la. Isso parecia, pelo menos, dar alguma validade ao sofrimento que ela me trazia e, talvez, oferecia algum acolhimento. Então, ela assente com a cabeça, retoma como tem se sentido incomodada com as visões e com a frequência com a qual elas têm aparecido.

Ficamos algum tempo em silêncio, sentadas no banco de uma praça - eu, Rosa e a sua angústia com a situação ocorrida. Passados alguns instantes, ela me convida para andarmos de balanço e aceito o convite. Ficamos algum tempo balançando, e a tensão parece ficar suspensa, por algum tempo. Assim que paramos de balançar, Rosa fala de outras questões, da sua semana, de outras histórias. Parece que o balanço faz movimentar algo ali - talvez o vai e vem, talvez altos e baixos - e, na brisa leve (mas ligeira), suas angústias e seus pensamentos passeiam e se diluem com o ar.

Penso também em outro momento com Rosa. Bem, eu já estava advertida: no Acompanhamento Terapêutico, as relações eram muitas além daquela construída com quem acompanhamos. Relações das quais emergiam todo tipo de afeto. E é certo que alguma tensão já vinha se mostrando persistente nos acompanhamentos com Rosa. Essa tensão não aparecia entre eu e ela mas, sim, através da figura da mãe, sempre tão presente nas ligações, nas histórias de Rosa, nas compras do mercado, no dinheiro dobrado da niqueleira.

Essa figura comparecia de forma assídua aos ATs e, ainda que não de corpo, era absolutamente consistente. A expressão “simbiótica”, em referência à relação entre a mãe e a acompanhada, já havia sido repetida incontáveis vezes: nas reuniões, nos relatos de caso, nas supervisões, pelos colegas, pela rede, por mim.

Era como uma montanha de monóculos, todos com a mesma foto: um nó. Quer dizer, um nó não, um emaranhado, quase que impossível de ser desfeito. Relação simbiótica, diziam.

Rosa separa atentamente o dinheiro. Na farmácia, utiliza uma nota de dez para comprar sua pastilha para tosse e outra nota de dez para comprar a pomada de sua mãe. A senhora do caixa não entende e volta seu olhar para mim, como quem busca uma resposta. Apenas permaneço. Rosa permanece. Ela já havia dado notícias do que era seu. Compras feitas, saímos dali, e Rosa vai comprar um sorvete. Me oferece algumas vezes o doce. Agradeço mas recuso, estava mal do estômago. Já na rua, me oferece um cigarro e me pede um segredo: não contar à sua mãe que estava fumando mais do que deveria. Recuso o cigarro e aceito o segredo.

Bem, olho para esses recortes e penso que as experiências narradas, junto às suas afetações, inquietações e inspirações, fazem marca em minha trajetória na graduação e me movem a escrever sobre o corpo-sensível na clínica. Desde o silêncio até os acompanhamentos terapêuticos, seja nos meus movimentos sozinha ou na presença de outras pessoas, parece haver ferramentas que podem auxiliar na escuta e no acolhimento do outro.

Assim, penso já existir a estrutura necessária para seguir adiante nesta escrita e, então, me debruço, a partir daqui, sobre o tema do corpo-sensível, partindo de uma contextualização histórico-política e de uma problematização sobre o lugar que o corpo ocupa dentro da produção de conhecimento. Após, avanço em uma análise sobre o funcionamento do corpo-sensível e uma possível articulação com a arte, como possibilidade de (re)invenção dos fazeres psi. Para concluir, trago minhas implicações com o corpo-sensível como devir-psicóloga e proponho uma clínica que integre o corpo-sensível às suas práticas, como dispositivo de potentes movimentos.

respiremos

[primeiro] retrato do corpo quando faz um tcc

a transformação da palavra-pensamento em palavra-escrita parece d e m o r a d a, feito transformação de lagarta em borboleta. e também um tanto difícil, para essa pessoa que vos fala. é no período do casulo em que ocorrem as maiores mudanças da lagarta, sabia? pois é. fico pasma, aqui, distraída no entre.

transformar a palavra-pensamento em palavra-escrita requer um pouco de desprendimento, talvez. primeiro, porque a palavra-escrita já não está mais guardada comigo, e minha maneira de desenhá-la agora está exposta. segundo, porque quando não é só mais vista por mim, se atualiza pelo olhar do outro, e do outro, e do outro (que ironia, como se a palavra, dentro de mim, também não se atualizasse a todo momento). e olha que coisa mais bonita de acontecer. isso, de se modificar. mas, no primeiro rasgo, quase dói. no instante seguinte, sempre liberta. por tudo isso sempre achei os poetas muito corajosos.

quando a palavra faz morada em meu pensamento, quase flutua. brinca de ser, dá cambalhotas e também se espreguiça no sol. se veste de um sentimento e de outro. enquanto isso, me distraio com árvores, bicicletas e pessoas, e ela vai junto. me demoro um pouquinho no passeio para que a palavra-pensamento possa me acompanhar por mais tempo. até que eu possa me despedir dessa sua maneira de existir em mim - por um momento - e possa escrevê-la. aqui, escolho a forma que melhor parece representá-la. e aqui, escrita, ela parece necessitar de tanta concretude.

palavra-pensamento me nutre. palavra-escrita me faz nascer.

2 DA RAZÃO AO CORPO

É preciso ter ainda caos dentro de si para dar à luz uma estrela bailarina

Friedrich Nietzsche

Qual o lugar da razão? Parto dessa pergunta para pensar como a razão se apresenta no decorrer da história, seus papéis, seus figurinos, seus holofotes. No mundo ocidental, a razão teve origem no pensamento grego, com Sócrates e Platão, por volta do século V a.C, entretanto, é na filosofia de Descartes que se inaugura a ideia da produção do sujeito do conhecimento a partir de uma prática da consciência, ou seja, do exercício do pensamento sobre o pensamento. Diferente da metafísica de Sócrates, que estava apoiada numa negação dos instintos, em Descartes temos uma representação dessa negação, o que resulta na concepção de que a verdade do sujeito é o pensamento. Assim, nasce a crença da autonomia representativa do sujeito, que embasa o surgimento da modernidade científica e filosófica (MOSÉ, 2018).

Portanto, o sujeito cartesiano é aquele alicerçado na ideia de segurança da razão e da inequivocidade. Descartes afirma, como regra, que “todas as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras” (DESCARTES, 1973). Conforme Mosé (2011), ele busca se desfazer de todas as falsas opiniões a fim de encontrar uma verdade e, para isso, propõe um método, que consiste na dúvida de todas as coisas e no descarte daquilo que fica no campo da incerteza. Assim, nesse processo, uma das primeiras coisas que Descartes coloca em dúvida é a evidência dos sentidos:

Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez. [...] encontramos talvez muitas outras [coisas] das quais não se pode razoavelmente duvidar, embora as conhecêssemos por intermédio deles: por exemplo, que eu esteja aqui, sentado junto ao fogo, vestido com um chambre, tendo este papel entre as mãos e outras coisas desta natureza. E como poderia eu negar que estas mãos e este corpo sejam meus? [...] eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns; não me persuadi, também, portanto, de que eu não existia? [...] por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastante nisto, e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta

proposição, *eu sou, eu existo*, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a anuncio ou que a concebo em meu espírito. (DESCARTES, 1641/2000)

Assim, pode-se compreender que, no raciocínio cartesiano, a certeza não está centrada no pensamento mas, sim, no sujeito, já que não há pensamento sem sujeito. Portanto, nessa lógica, é o *eu* que garante e ampara a existência do pensamento. Entretanto, conforme coloca Mosé (2011), se, por um lado, Descartes afirma que, se existem pensamentos é porque alguma coisa pensa, e essa coisa sou eu, por outro lado, é com essas afirmações que o pensamento é separado daquele que pensa, já que “o pensamento é uma substância produzida por um substrato sujeito”.

Portanto, de acordo com Mosé (2011), na enunciação de Descartes, a certeza está apoiada na distinção entre o autor e a ação. No entanto, trata-se apenas de uma lógica da linguagem que relaciona causa e efeito, sem a qual a afirmação não se sustenta. Contra o proposto por Descartes, Nietzsche (2005) afirma, em *Além do Bem e do Mal*, que “um pensamento vem quando ‘ele’ quer, e não quando ‘eu’ quero”. A partir disso, tem-se que o pensamento não viria da consciência ou de uma intenção, mas de um conflito entre elementos diversos e complexos, para o qual a linguagem teria a função de simplificação, possibilitando uma comunicação, uma resolução.

Logo, o que temos é que a linguagem produz um sentido, um delineamento, sobre algo que é instável, plural e vasto. Por outro lado, o ser humano “está submetido à vida, é produto da exterioridade, por isso não é uma unidade estável, mas uma eterna luta contra e ao mesmo tempo a favor de si mesmo; somos uma multiplicidade, um fluxo, uma tensão de forças” (MOSÉ, 2011). Nesse sentido, uma ideia centrada no pensamento, assim como no sujeito, apagaria uma diversidade de sentidos.

Nessa mesma via, podemos pensar que a razão cartesiana alicerça, também, uma ideia de exclusão, visto que, na sua concepção, o sujeito da razão é aquele que detém a verdade. Foucault (1997), em *História da Loucura*, discute sobre o que Descartes defende, apontando que este colocaria a loucura no mesmo campo do sonho, dos sentidos e do erro e, portanto, estaria fora daquilo que a certeza poderia abranger.⁶

⁶ Essa afirmação de Foucault será discutida por décadas a partir de uma fala de Jacques Derrida. Em março de 1963, Derrida pronuncia a conferência “Cogito et Histoire de la folie” no *Collège*

Assim, constrói-se o entendimento de que a loucura estaria na ausência da razão; logo, somente a partir da exclusão dela é que a certeza poderia existir. Conseqüentemente, é com apoio dessa lógica que a loucura passa a ser isolada, como ameaça da razão, já que, “se o homem pode sempre ser louco, o pensamento, como exercício de soberania de um sujeito que se atribui o dever de perceber o verdadeiro, não pode ser insensato” (FOUCAULT, 1997).

Na lógica cartesiana, acredita-se que somente a partir da exclusão da loucura do domínio do discurso é que se garante a existência da razão como verdade. Portanto, necessita-se uma linguagem sem dúvidas, erros ou delírios. Assim, “a razão consciente de si, ao querer se tornar o conhecimento capaz de enunciar a verdade, se constitui cada vez mais como uma oposição ao erro, ao delírio, ao corpo, aos afetos” (MOSÉ, 2011).

Portanto, é com o pensamento cartesiano, na Idade Clássica, que nasce a ideia do indivíduo racional, amparada pela supervalorização da linguagem, pela moral, pelo autocentramento. Com ela nasce, também, a compreensão de que o indivíduo poderia ter sua racionalidade comprometida caso entrasse em contato com seus afetos. Assim, é a partir do que está contido dentro da loucura que podemos entender o que se propõe como a verdade da razão, já que os lados aparecem como antagônicos.

Além disso, é a partir da história da loucura que se coloca em evidência o que a lógica racionalista pretende excluir: tudo aquilo que ocupe o campo do estranho, do desconhecido, do sem sentido. Conforme Mosé (2011), o indivíduo da racionalidade abdica de si mesmo, ao passo que nega a vida “a partir da crença em

Philosophique, em Paris, na qual apresenta uma crítica ao livro *Histoire de la folie à l'âge classique* (História da Loucura na Idade Clássica), de Michel Foucault. Para Derrida, a exclusão, na forma como é colocada por Foucault, não ocorre na abertura do livro de Descartes; ainda, ele defende que todo o instante da dúvida que levará à afirmação do cogito cartesiano (*eu penso, eu sou*) implica uma cena de loucura. Em duas cartas de 1963, há uma boa recepção por parte de Foucault ao proferido por Derrida. No entanto, em 1972, Foucault muda o tom e escreve a “Resposta a Derrida”, em uma publicação que reúne tanto textos seus quanto o ensaio de Derrida. Além disso, Foucault escreve uma versão ampliada do artigo, que surge como anexo da nova edição de *Histoire de la folie*, ainda em 1972, a qual ele remete a Derrida com uma dedicatória irônica. A partir desse momento, Derrida e Foucault se tornam desafetos, até que em 1982 Derrida é preso pelo regime comunista de Praga sob falsas acusações de tráfico de drogas, e Foucault denuncia o episódio no rádio. Em 1972, Foucault retira o prefácio da primeira edição do livro, que havia sido utilizado por Derrida em pronunciamento; além disso, a resposta a Derrida é removida dos anexos, mais tarde. Em 1991, Derrida participa de um evento sobre os trinta anos de História da Loucura, a convite dos psicanalistas René Major e Elisabeth Roudinesco, e volta a falar de Foucault em “Fazer justiça a Freud: a história da loucura na era da psicanálise”, afirmando que não falaria sozinho, já que Foucault já havia falecido. Assim, Derrida opta por falar não mais da relação do pensamento foucaultiano com Descartes mas, sim, com Freud (NASCIMENTO, 2017).

um outro mundo, um mundo de essências e verdades, de valores absolutos”. Assim, o indivíduo da modernidade também busca se refugiar, na razão, das contradições e do conflito.

Dessa forma, na modernidade, a verdade somente pode ser produzida a partir do pensamento sobre o pensamento, e é a partir dessa lógica que o indivíduo também se reconhecerá. Consequentemente, nessa trama, o sujeito também se depara com um conflito, já que se identifica a partir do que pensa ser, mas acaba por agir diferente da imagem que construiu. Assim, o que não está dentro do campo do racional, não terá espaço aqui.

Cabe colocar, ainda, que o indivíduo cartesiano, limitado ao seu próprio pensamento, é própria fonte do seu eu e de suas ações e, desse modo, também encerra-se em si mesmo, “distante do mundo e de suas infinitas conexões, sem o alimento explosivo da exterioridade com seus conflitos” (MOSEÉ, 2011).

A partir dessa lógica, Nietzsche (2008) afirma que o ser humano, em um primeiro momento, busca imaginar o mundo da forma mais simples possível e que, gradualmente, dá-se conta da sua complexidade, à medida que também reconhece a própria profundidade. A racionalidade tem, assim, sobretudo, caráter de controle/domínio da vida, na medida em que o sujeito moderno se sustenta pela técnica⁷. Entretanto, Nietzsche não defende a eliminação da virtualidade e da simplificação da pluralidade, mas sim, questiona a ideia da verdade:

Nietzsche afirma, em seu pensamento mais maduro, a necessidade de reconciliar o homem com o corpo, com a presença, com o tempo. Isso não significa negar sua virtualidade, ao contrário; a vida humana é feita de sensação e memória, somos seres complexos, precisamos do chão, do corpo, da presença, mas igualmente necessitamos dos relatos, das narrativas sobre a vida que exercitamos no pensamento, na memória individual, social, coletiva (MOSEÉ, 2018).

Enquanto isso, Murta e Falabretti (2015) fazem uma análise da concepção tecnomecânica de Descartes sobre o corpo, já que o filósofo o compara a um relógio. Aqui, alguns apontamentos feitos pela autora e pelo autor parecem importantes para pensarmos em como o corpo ganha essa qualidade de máquina:

⁷ No sentido antigo, o substantivo *técnica* designa o conjunto de procedimentos de um ofício ou de uma arte, codificados e transmissíveis, que permitem obter um efeito considerado útil. Na filosofia moderna, a *técnica* evoca antes um conjunto de procedimentos deduzidos de um conhecimento científico e que permite operar suas aplicações. Paralelamente, o adjetivo é aplicado ao que é relativo ao *ofício* (em particular manual), por oposição ao conhecimento teórico (DUROZOI e ROUSSEL, 1993).

na lógica de Descartes, o corpo é visto apenas como um aparato autômato, tomado por operações quantitativas, pelo choque de forças e tensões e pelas funções de causalidade. Assim, ele acaba por ser reduzido a um sistema biológico dirigido pela atividade dos órgãos. Além disso, no que Descartes afirma, a alma não teria nenhum papel na movimentação desse corpo, sendo ontologicamente diferente dele; ela não faz parte dele ou de seu funcionamento, mas, sim, opera de forma separada/alheia. Cabe ressaltar que, na lógica do filósofo, é somente através dessa alienação que a alma mantém sua harmonia, sua linearidade, sua inteligibilidade.

É a partir dessa análise que a autora e o autor nos conduzem a uma reflexão de como a dualidade corpo/mente tem se apresentado e operado na contemporaneidade, a qual herda, em vários aspectos, o modelo tecnomecanicista. Segundo Murta e Falabretti (2015), ainda persiste a ideia, formada na modernidade, de que o corpo seria ontologicamente distinto do pensamento, ou seja, opera, ainda, uma lógica de separação entre corpo e mente. No contexto científico, o corpo-objeto é o que prevalece, enquanto algo que compreende o desempenho das funções fisiológicas, em detrimento do corpo como expressão, que manifesta o seu jeito de ser/estar no mundo; assim sendo, aqui, o corpo somente responde fisiologicamente ao que recebe como estímulo:

O comportamento passou a ser visto como uma reação a um estímulo determinado, e as intenções motoras converteram-se em movimentos objetivos. O corpo tornou-se um objeto entre objetos, a subjetividade, um interior sem exterior e, finalmente, a intersubjetividade tornou-se um feito irrealizável, pois o outro passou a ser visto tão somente como um corpo-objeto, [...] sustentado por uma camada de processos mecânicos –, o sorriso, a tristeza e todas as formas de afeto, por exemplo, devem-se resolver numa série de relações orgânicas de matriz causal (MURTA E FALABRETTI, 2015).

Por sua vez, Mendonça (2006) faz alguns apontamentos sobre o estatuto do corpo dentro da teoria psicanalítica, partindo do ponto de que o *eu* e o *corpo* não só não se separam, mas também se apoiam, como traz a perspectiva abordada por Anzieu (1988), que pensa na constituição psíquica a partir do corpo através do conceito de *Eu-pele*. Para ele, o “pré-Eu corporal é um precursor do sentimento de identidade pessoal e do senso de realidade, que caracterizam o Eu psíquico propriamente dito”. Nesse sentido, o corpo não só antecederia mas, também, daria subsídios à formação psíquica, tendo em vista que, a partir do eu-pele, a criança poderia representar a si mesma, em fases precoces de seu desenvolvimento, como um eu que contém conteúdos psíquicos (MENDONÇA, 2006).

Partindo para uma análise de como o corpo se constitui na psicanálise, Mendonça (2006) afirma que, desde as proposições freudianas sobre a histeria, questiona-se a lógica do corpo biológico, já que Freud traz um corpo erotizado, erogenizado, auto-erótico e pulsional. Já nos estudos sobre as paralisias histéricas, postulava-se que as mesmas tinham um comportamento independente da anatomia; ali, o que se colocava era uma ideia popular sobre o corpo, baseada nas experiências táteis e visuais. Assim, os elementos que compõem o estudo da histeria representam muito do que estava compreendido na origem da psicanálise.

Por outro lado, Borges (2009) aponta que a psicanálise clássica se mostra bastante comprometida com uma lógica racionalista cientificista, teoricamente carregada de uma busca por generalizar e por uniformizar problemáticas do sujeito, deixando de lado, assim, muitas questões sócio-políticas concernentes à construção do mesmo. Dessa forma, a autora discute algumas contribuições teóricas que foram bastante desconsideradas dentro da história da psicanálise, trazidas pelos psicanalistas Wilhelm Reich e Sándor Ferenczi, por “terem sido expoentes em problematizar a clínica no eixo da corporeidade, do coletivo, na medida em que trouxeram para a cena analítica a realidade das injunções político-sociais” (BORGES, 2009).

Conforme Borges (2009), Reich e Ferenczi trazem elementos que ultrapassam o corpo biológico e o corpo simbólico para a discussão de processos como a transferência e a resistência, colocando em evidência um novo olhar, que enxerga um corpo em sua complexidade: aquele que está em relação com o outro, um corpo do afeto, da expressão e do gesto, o que acaba por subverter a lógica que estava se constituindo teoricamente dentro da psicanálise da época, bastante marcada por uma prática médica voltada ao método e à previsibilidade do funcionamento do indivíduo como formas de poder estabelecer o controle e a manutenção da saúde.

Além disso, Reich e Ferenczi, em seus apontamentos, preocupam-se em colocar a inscrição do sujeito na cultura e marcar as contribuições do contexto histórico-social para a construção subjetiva, apontando, assim, para uma produção teórica pautada na dimensão política e social, o que também contraria e coloca em questão os pilares sobre os quais o saber psicanalítico vinha buscando se apoiar,

muito marcados por uma legitimação através de um discurso científico (BORGES, 2009).

Ainda segundo Borges (2009), dentro do campo científico, temos um projeto da modernidade pautado na produção de um *homem livre* - através do conhecimento racional e do controle do mal-estar e sofrimento - que resulta, paradoxalmente, em um indivíduo cerceado por programas de saúde que objetivam organizar corpos higienizados, modelados e, conseqüentemente, esvaziados de suas singulares expressões vitais. Essa forma de subjetivação, sustentada pelo Estado, será criticada por Reich, já que ela se faz possível através da submissão e da intervenção nos modos de organização dos coletivos (BORGES, 2009).

Dessa forma, a estrutura de caráter do homem moderno refletiria uma cultura patriarcal e autoritária, organizada de forma verticalizada, caracterizada por um encorajamento do caráter do indivíduo contra sua própria natureza interior e contra a miséria social que o rodeia. O caráter, por sua vez, estaria ancorado em uma rigidez corporal, que Reich chamará de couraça corporal, manifestado em uma estagnação “resultante do conflito implicado na constituição de um sujeito produzido pela repressão instalada no processo de recalçamento que se encontra enlaçado com o social” (BORGES, 2009).

O corpo encorajado do infante será aquele que sustentará um fazer social. Define os estados patológicos como decorrentes da forma verticalizada pela qual se organizam as sociedades, em que dispositivos de poder servem como obturadores das potências inventivas da vida, ou seja, fecham a percepção aos encontros singulares favorecedores dos coletivos (BORGES, 2011).

respiremos

[segundo] retrato do corpo quando faz um tcc

julho de 2022. as notícias pesam em meu corpo. não só pesam, mas tiram seu fôlego. três socos seguidos. reviram meu estômago. reviram o corpo inteiro. nos revirou. afinal, corpo-coletivo. da mulher violentada, objetificada, descartada. corpo cansado de ver-ouvir-experienciar-sentir a mesma história. corpo que um dia há de contar outras histórias. por enquanto, o grito parece mudo. ai da voz minimamente audível, logo tratam de silenciá-la. distorcê-la. aniquilá-la. seja como for. corpo-coletivo que lamenta, mas que entre muitos braços e pernas e corações se faz potência. Bethânia me contou que não andamos sós.

3 BRECHAS PARA UM CORPO

assento-me no presente
tempo que permite criar o singular
solto o ar, solto a articulação
e o corpo está em casa

acomodado
aceita a si
ao outro
e entrega-se ao livre movimento

de repente, quer o braço leve
a perna ligeira
quer o desenrolar vértebra por vértebra

quer o instável
quer a inércia
quer o momento

quer o toque com a pele
com a brisa
com o chão

quer a música
quer o silêncio
quer o salto do movimento mais miúdo
ao mais alastrante

descubro-o no percurso
em cada respiro, em cada passo
em sua poética imprevisível

Após ter tido contato com o texto *Abrir o corpo*, de José Gil, vem-me a imagem da areia sendo invadida pela água do mar, assim como o pensamento é tomado pelos movimentos do corpo. Conforme Gil (2004), é no espaço virtual que esse encontro acontece, quando, então, movimento do corpo e do pensamento se atualizam e se transformam, convergindo para um espaço único em que a osmose entre eles será produzida. Segundo o autor, nesse processo,

não só a consciência se torna corpo de consciência - em que os movimentos da consciência sabem do seu espaço tão imediatamente como o corpo sabe dos seus gestos (practognósias) -, mas o próprio corpo se torna consciência, capaz de captar os mais íntimos, invisíveis e inconscientes movimentos dos outros corpos. Movimentos de forças e de pequenas percepções (GIL, 2004).

Segundo Gil (2004), o corpo consciência possui uma hiperexcitabilidade, passível de ser desenvolvida sensorialmente, dentro do conjunto de órgãos sensoriais. Para além disso, o autor também aponta que essas alterações de excitação sensorial trazem, em seu interior, transformações para o corpo sensível: por um lado, este se torna apto a captar pequenas percepções, antes cobertas pelas funções macrossensoriais do corpo; por outro, ele pode entrar em contato-osmose com outros corpos e, conseqüentemente, com seus movimentos inconscientes. Nesse sentido, não se trata de um movimento intencional da consciência, mas de uma abertura do corpo através da consciência: um corpo que se abre através da pele, um corpo inteiro que vê e que se faz perceptivo, hipersensível às diferentes intensidades, ritmos e movimentos dos outros corpos.

Além disso, Gil (2004) ainda fala do corpo aberto e do seu *em redor*: espaço pronto ao contato com a intensidade de outros corpos e às possíveis osmose. Para alcançar o corpo aberto, segundo o autor, é necessário construir um espaço paradoxal - como a própria textura do corpo-consciência - que está à espera de conectar-se com outros corpos. Espaço e corpo-consciência afetivos, pois “neles se formam turbilhões poderosos de vida, de que os afetos de vitalidade constituem o estrato subjacente” (GIL, 2004).

E, por onde anda o corpo? Angélica Elisa Giacomel, Vitor Martins Régis e Tania Mara Galli Fonseca, em uma aposta na potência política do corpo, falam do processo de criação que transita por nossos fazeres. As autoras e o autor colocam em questão o conhecimento científico, muitas vezes ocupante de um lugar de

representação da verdade, e afirmam a produção de conhecimento como uma prática de criação e de reinvenção (GIACOMEL, RÉGIS, FONSECA, 2004). Nesse sentido, entra em questão, também, o lugar do corpo, já que é através dele que o mundo “ganha existência, [...] e é longa a tradição - epistemológica, científica, moral - que nos faz temer seus movimentos, seus espasmos, suas dores, seus gritos surdos, suas vertigens” (GIACOMEL, RÉGIS, FONSECA, 2004). Assim, o mundo percorre o corpo e compõe aquilo que será matéria de invenção.

Logo, o pensamento não está limitado à razão, mas é, também, corpo. Essa lógica carrega uma relevância política, pois, se a produção de conhecimento é catalisadora de afetos que atravessam o corpo, ela também pode movimentar o desejo. Dessa forma, segundo Giacomel, Régis, Fonseca (2004), estamos ética e politicamente implicados nesse processo, já que produzir conhecimento também significa produzir mundos nos quais habitamos. Logo, o pensamento requer não só uma disposição de nos fazermos caminho das forças do mundo mas, também, um desapego de si, para podermos “produzir algo novo. *O pensamento é do fora*, como já nos mostrou Foucault, agenciamento coletivo de linhas de forças que, literalmente, encarna-se no corpo para ganhar forma inteligível” (GIACOMEL, RÉGIS, FONSECA, 2004). Aqui, a experiência se torna condição de produção de novas subjetividades.

Por outro lado, é importante pensar quais as condições para podermos *criar* no regime que vivemos, tendo em vista que o neoliberalismo não se limita apenas ao plano econômico, mas opera como um modo de ser/existir, modificando, assim, todas as esferas que a compõe a vida, incluindo a forma como trabalhamos/produzimos. Assim, segundo Dornelles (2004), nesse sistema, a vida e os elementos que a compõem são tomados como objeto e, conseqüentemente, a produção criativa é banalizada e passa a servir ao mercado. Frente a uma desestabilização do que (re)conhecemos, consumimos referências e identidades, ao invés de criarmos novas organizações para respondermos a esse movimento de instabilidade.

Dornelles (2004) aponta que a criação de si estaria relacionada a essa capacidade de criar a partir do que nos afeta no mundo e coloca a arte como ferramenta para nos reconectarmos com um fluxo que esteja atrelado à vida, no sentido de podermos realizar uma escuta e uma elaboração dos movimentos de desestabilização com os quais tomamos contato. Assim, novas experimentações

através da arte (incluindo aquelas com o corpo, como instrumento de relação com o mundo) levam a uma escuta desses fluxos, o que permite que a arte vá criando a si e à subjetividade, e sendo por elas criada (DORNELLES, 2004).

Costa, Moehleck e Fonseca (2004) trazem alguns elementos para pensar o corpo: segundo uma lógica mecanicista, o corpo é entendido como um transporte da razão, não há um olhar (e nem deseja-se olhar) para suas manifestações. Conforme as autoras, uma abertura do corpo não se separa da consideração do mesmo como unidade psique-soma; aqui, é a partir da possibilidade de uma comunicação que o espaço interno deixa-se transformar pelo espaço externo. Dessa forma, “à medida que a consciência se deixa invadir pelos elementos do corpo, este ativa seus sentidos enfraquecidos por uma racionalidade exacerbada. A partir daí, é possível transmutá-lo em passagem para invenção de um além de si” (COSTA, MOEHLECKE, FONSECA, 2004). Abrir o corpo significa aumentar sua potência, é ir no sentido de estar disposto a uma produção da diferença, é poder deslocá-lo, é poder modificar seus contornos continuamente.

Nesse sentido, as autoras colocam que, nessa lógica, não há busca por uma psicologização do sujeito mas, sim, uma abertura ao imponderável, de forma que se possa permitir o devir a partir do encontro com o outro. É necessário criar brechas para que a clínica acesse uma potência de vida, de forma a possibilitar uma narrativa do corpo e uma linguagem constitutiva, ultrapassando uma linguagem representacional que busca uma verdade sobre um objeto e, assim, despertando “uma característica necessariamente difundida entre seres vivos: a criatividade” (COSTA, MOEHLECKE, FONSECA, 2004). Trata-se de colocar uma questão ética, no sentido de se descolar de uma posição de neutralidade e de uma separação entre sujeito e objeto, para poder lançar-se na possibilidade de abrir o corpo às sensibilidades e ao imprevisível dos fluxos, ultrapassar modos de ser; aqui, não se trata de uma “ética do conhecimento de si - que busca a verdade sobre sujeito-, mas do cuidado de si: a ética reflexiva da liberdade, que sugere um ultrapassamento, um além de si” (COSTA, MOEHLECKE, FONSECA, 2004). Dessa forma, a escuta e o olhar não buscam as repetições, mas, sim, aquilo que escapa, que difere, que transborda:

O fazer clínico ampliado busca a ética do acontecimento, ou seja, de uma multiplicidade que emana de um plano de coexistência virtual - variados acontecimentos em pura coexistência. É esse excesso que a clínica

ampliada pode potencializar e tornar visível, fazendo-se como arte, numa ética, estética da existência (COSTA, MOEHLECKE, FONSECA, 2004).

Suely Rolnik, no livro *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, faz um percurso cartográfico e nos leva a pensar sobre uma dimensão do corpo sensível: o corpo vibrátil. Segundo a autora, os órgãos dos sentidos dispõem de duas capacidades: a cortical e a subcortical. A primeira está ligada a uma percepção, associada à história do sujeito e à linguagem, que nos possibilita apreender o mundo em suas formas para, assim, projetarmos sobre elas representações que irão lhe conferir sentido. Essa dimensão traz, de um lado, o sujeito, e, do outro, o objeto e, assim, uma relação de exterioridade entre eles. Enquanto isso, a segunda capacidade, que a autora chama de *corpo vibrátil*, nos é menos conhecida, por conta de uma repressão, e está ligada à apreensão da alteridade como campo de forças vivas que nos afetam e que se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações; é também uma capacidade que não está relacionada à história do sujeito e à linguagem. Nela, sujeito e objeto se dissolvem e, conseqüentemente, desfaz-se também aquilo que separa o corpo do mundo. Desse modo, “o outro é uma presença que se integra à nossa textura sensível, tornando-se, assim, parte de nós mesmos” (ROLNIK, 2011).

andança vibrátil

para Rosa

o corpo vibrátil pode morar na palavra?

pode, se for no poema

mas também o corpo vibrátil mora nas ruas por onde andamos

nos passeios de sombrinha e de braços enganchados

nos abraços

mora nos passos devagares

no vento que acompanha o movimento dos cabelos

no olhar alegre

mora nos gêneros musicais favoritos de Rosa: axé, funk e rock

mora nas histórias contadas

mora nos orixás

e também mora nos telefonemas

mora nos silêncios

mora no respiro profundo

mora no instante

mora na crença

mora no tempo

mora na lembrança

mora no esquecimento

mora na curiosidade

mora no afeto

mora no encontro

mora no poema

Conforme Resende et al. (2019), o encontro da corporeidade com sua sensibilidade é um processo vivo que enseja um enfrentamento de formas paradoxais de interação com o mundo: pela via da percepção e do empirismo ou pela via da sensibilidade e do plano intensivo dos encontros:

Esses dois movimentos mobilizam repertórios muito próprios no corpo, forçando vetores de conservação deste mesmo repertório (num viés perceptivo) ou de incorporação das afetações e cartografias da imanência (numa dimensão sensível). A percepção produz realidade no corpo por meio da captação de formas, da decodificação de signos e do situar dentro do campo do sentido; a sensibilidade articula o movimentar das realidades nesse corpo na medida em que convoca para si, através da afetação, uma incorporação da vibratibilidade do presente (RESENDE et al., 2019).

Assim, para Resende et al. (2019), é nessa fronteira que se produzem sensações de pressionamento e de fragilização que potencializam a vida no corpo como força de invenção e de resistência. Nesse sentido, as autoras colocam que sua dimensão inventiva se sustenta por duas vias: uma, no sentido de decompor

configurações da existência que já não compõem com a vida como potência de diferenciação, e outra, no sentido de poder exercitar a invenção de outras formas desse existir. Portanto, a expansão da vida exige “uma luta, que é também uma dança entre afetos de ordem artística e política, isto é, da ordem das potências de resistência, em prol da afirmação consistente e persistente do corpo vibrátil no campo social” (RESENDE et al., 2019).

Dessa forma, os afetos abrem passagem para a arte e para o corpo, que mapeiam sensivelmente aquilo que demanda decomposição e reinvenção. Resende et al. (2019) indicam que as potências de resistência catalisam o exercício de colocarmos em questão as formas instituídas na sociedade; “às indicações dos afetos, se combina a orientação da sensibilidade encarnada; o corpo vibrátil e os afetos artísticos e políticos formam uma tríade de aposta da vida em diferenciação” (RESENDE et al., 2019).

Por outro lado, é também nessa relação que o capitalismo neoliberal opera, de forma a interditar os fluxos ao domínio dos afetos e das sensibilidades, servindo como dispositivo de controle dos corpos em seus processos criativos. Dessa forma, conforme Resende et al. (2019), a força criativa é utilizada para uma produção frenética, em um ininterrupto e imediato processo de reformulação, e passamos da vibratibilidade para a vertigem permanente, ainda que as forças de invenção e resistência sejam convocadas.

Assim, anestesiada e destituída de sua vibratibilidade, caminhando por um território escasso, à sensibilidade resta existir pela representação. A potência de criação é, então, capturada e disponibilizada ao mercado. A partir disso, Resende et al. (2019) apostam na arte, na política e na atenção das tensões como potência para oferecer um espaço de recesso ao corpo vibrátil.

Transita o corpo em coma em meio a uma solidão de múltiplos platôs, na qual é viciado a temer o encontro com o diferente e a potência de mudança a partir do outramento. [...] As rachaduras produzidas espontaneamente pelos corpos são rapidamente colonizadas pela indústria farmacológica e toda sinalização de escape é delineada como um quadro de patologização (RESENDE et al., 2019).

Dessa forma, em tempos de capitalismo neoliberal, persiste um sufocamento constante da potência do corpo em sua capacidade vibrátil de relação com o mundo. Assim, parece conveniente questionar: de que forma lemos os escapes produzidos

por esse corpo? De que modo operamos com ele? Como podemos convocar o corpo vibrátil para a clínica?

respiremos

[terceiro] retrato do corpo quando faz um tcc

corpo em isolamento. corpo que busca sentir o calor do sol e a brisa do vento de dentro de casa. corpo que sente que o espaço é pouco, apesar de se esticar da cabeça ao dedinho do pé. corpo com saudade de ir à feira, de andar de bicicleta, de se surpreender com as ruas já conhecidas do bairro. corpo com saudade do abraço. corpo com saudade das conversas não separadas pela tela. ainda assim, há sol, há brisa, há música, há uma mulher cantando com uma criança na calçada para lembrar ao corpo que o tempo passará.

4 INTERROGAÇÕES À CLÍNICA

instruções de bordo

distrair para atentar

perder-se para encontrar

estretitar para alargar

distanciar para enxergar

recolher para expandir

aqueles que desejam o mar

a brisa, o balanço, a vista

nunca permanecem iguais

(não sou eu quem me navega

quem me navega é o mar)

Durante minha trajetória na graduação de Psicologia, diversas vezes estive diante de algumas inquietações: afinal, qual o lugar do corpo nos nossos fazeres acadêmicos, científicos, profissionais? Qual o espaço para comparecermos inteiros a esses lugares? De que forma poderíamos não só comparecer, mas ocuparmos efetivamente esses espaços? Como habitarmos esses espaços através da experiência?

Paulon (2004) nos indaga: e se, no lugar de colocarmos um dado saber sobre o sofrimento do outro, pudéssemos apostar numa clínica produtora de mundos e inventar, conjuntamente, desvios possíveis? A autora coloca que a tarefa da psicologia deve estar no deslocamento de uma concepção tradicional racionalista para uma prática clínico-crítica, capaz de se descolar de padrões de interpretação, de escutar com o corpo inteiro, de observar as demandas em suas singularidades. Nesse sentido, parece importante repensarmos os fazeres instituídos à psicologia e poder dar abertura a novas formas de expressão para podermos, de fato, inventar outros caminhos:

[...] a tarefa analítica [...] exige mais do que a tão promulgada posição em meios psicanalíticos de escuta ou acolhimento. Requer, efetivamente, uma

capacidade de acolhimento dos múltiplos devires não apenas percebidos no paciente, mas também em si mesmo. Todavia, para que tais devires funcionem como dispositivos de novas formas de subjetivação, criadoras de novos valores e inventoras de outras instituições, o analista ainda será exigido a questionar os próprios valores subjacentes a instituição analista que o autoriza a intervenção. [...] A clínica contemporânea parece demandar sim algumas ampliações. Ampliação de modos de habitar territórios existenciais no qual até a existência de um analista - assim compreendido como um território de saber dado *a priori* por alguma filiação - precisa ser suspenso.

Nesse ponto, também parece importante colocar que muito do que envolve a clínica escapa da técnica, já que estamos falando, também, do encontro com o outro. Encontro que ultrapassa a palavra, que habita nas pequenas nuances do que o outro traz, no olhar, na respiração, no entusiasmo, na vibração, no desânimo, na pausa. Mora naquilo que é efêmero e etéreo e, por isso, há de nos fazermos presentes e disponíveis com o corpo.

senta na cadeira

respira

toma um gole de água

desvia o olhar da luz branca que se acende com uma notificação do celular

e ainda que através de um tela

se coloca a escutar-ver-sentir como quem escuta-vê-sente um filme

como leito marinho, espera a palavra

que é água vinda da imensidão

observa o que lhe dá vida:

seus movimentos revoltos

seu impulso suave

o brilho das suas ondas

a maré que recua e que avança

e percebe que os filmes dão às expressões a importância que elas merecem

(sugiro ler ao som da música *Obatalá*, da banda Metá Metá, que embala essa escrita)

Como pensarmos, então, o corpo dentro da clínica? Para Resende et al. (2019), para formarmos um corpo-clínico, é necessário nos atentarmos sobre a

corporeidade que transita pelo vínculo terapêutico, composto pela analista, pela paciente e pelo ambiente, entre elementos humanos e não humanos e fluxos do campo do sensível. Conforme as autoras, o corpo-clínico é, também, um corpo teórico *pulsante e poroso*, na medida em que abre para uma relação dinâmica com a produção de conhecimento na direção de novas articulações possíveis. Para esta corporeidade porosa, a arte serviria como dispositivo de acesso às intensidades não verbais, possibilitando um convite para o encontro com o outro e, assim, a emergência das possíveis afetações, desdobramentos e atravessamentos decorrentes desse processo.

Segundo Resende et al. (2019), arte e clínica estão em relação imediata, já que ambas trabalham com uma dimensão inventiva. Essa clínica inventiva, portanto, trabalha com a vida em sua integralidade, ativando e impulsionando possíveis criações e atuando de forma singular, desde uma posição de uma política do cotidiano, não neutra. Nesse sentido, essa clínica não se fecha em si mesma e não se apoia em saberes e fazeres já estabelecidos. Ela se constitui a partir da experiência, do acontecimento e da relação entre analista e paciente, como uma “superfície em formação, em produção, e é nessa superfície que vamos trabalhar e propor atualização, desvios que alarguem os territórios existenciais” (RESENDE et al., 2019).

Resende et al. (2019) apostam na micropolítica⁸ do sensível como possibilidade de desvio dos corpos às forças de captura do capitalismo e aos regimes instituídos e massificados de sensibilidades, ao mesmo tempo em que interrogam: como ativá-la dentro da clínica? As autoras colocam a necessidade de trazer a corporeidade para a clínica, no sentido de que esta possa funcionar como campo de devires entre terapeuta e paciente, como possibilidade de criar novos modos de existência. Para que isso seja ativado, as autoras falam de um vínculo *terapêutico-membrana*:

É preciso apostar na criação de um vínculo terapêutico-membrana: poder perder nossos contornos de sujeitos para rapidamente nos encontrarmos

⁸ Conforme Suely Rolnik e Félix Guattari, os conceitos *micropolítica* e *macropolítica* operam de formas diferentes e não ocupam posições opostas; os termos “molecular” e “molar” são usados para explicar o fluxo entre os dois conceitos. Nesse sentido, a micropolítica trata do modo como o nível das diferenças sociais mais amplas - o molar - se cruza com o que está no molecular (GUATTARI; ROLNIK, 1996). A micropolítica está no plano das intensidades e dos afetos não subjetivados, determinados pelos agenciamentos que o corpo faz dentro de sua relação com o mundo (ROLNIK, 2011).

com o outro. [...] Afinar o corpo, na prática, com realidades invisíveis e indizíveis, e suas implicações nas relações entre-si, entre-dois, entre-muitos. Isso é, transitar com o outro nas diversas formas possíveis de experiência, podendo sustentar as contradições que se fizeram, no percurso, instaurar. E assim, afirmar o conhecimento que não é visível aos olhos, mas é sensível à pele (RESENDE et al., 2019).

Assim, a partir dessa abertura, o olho vibrátil⁹ se sensibiliza com os fluxos presentes na clínica, a fim de afirmar “pistas imprecisas para uma clínica processual, aberta ao microssensível, que dança com os processos errantes da subjetivação, [...] fazer do movimento sem fim, porque sem finalidade, porque infinito, uma ética, uma estética” (RESENDE et al., 2019). Dessa forma, é necessário que a clínica esteja implicada em construir um conhecimento sensível, dispondo-se a se reinventar nesse percurso.

Diante das redes de captura do capitalismo neoliberal, é necessário que as micropolíticas do sensível sejam ativadas, a fim de que possamos resgatar, em nosso corpo, sua pulsação e sua capacidade vibrátil e, assim, também sua potência de invenção e resistência. É nesse sentido que Resende et al. (2019) apostam no movimento e na experimentação como possibilidades à reapropriação da vida como geradora de diferença e à performatização da existência como catalisadora de sua ampliação.

Assim, arte, clínica e política estão em relação, afetam-se e produzem mudanças entre si. Parece importante, então, que o corpo da clínica esteja aberto ao encontro com a arte e a política para, assim, poder criar outras possibilidades de encontro com o outro: a arte como utensílio para inventar a partir da dimensão do corpo, lugar pouco explorado, e a política como utensílio para sustentar a mudança a ser vivida (RESENDE et al., 2019).

Isso implica, certamente, em exercitar “um outramento, um estranhamento de nossas marcas e marcações; a qualidade vibrátil que se inscreve coloca questões às nossas raízes e faz com que nos movimentemos a partir de outros referenciais” (RESENDE et al., 2019). É a partir desse deslocamento que podemos nos munir de ferramentas para desenhar outra clínica. Dessa forma, é através da experiência que podemos também nos mover a um processo de conhecimento do corpo e, assim, resgatar processos sensíveis.

⁹ Expressão utilizada por Suely Rolnik para caracterizar o olhar que se convoca à potencialidade de ser tocado pela força do que vê (ROLNIK, 1997).

respiremos

[quarto] retrato do corpo quando faz um tcc

esse corpo sonha muito. muitas vezes, acordado. às vezes, dormindo. quando as palavras me acompanham até o adormecer, sonho que danço com elas. mas não se engane, a dança é vigorosa. agitada. às vezes, quase fico zozna. mas, assim como quando acordada, danço para encontrar aquilo que me espera. quando acordada, sonho para encontrar aquilo que me espera.

5 (IN)CONCLUSÕES

Onde há vida, há inacabamento

Paulo Freire

Bem, penso que a dança com as palavras escritas aqui me levou a revisitar lampejos sensíveis do encontro com o outro e comigo mesma, entre danças, escutas, acompanhamentos. Sinto que a dança da escrita é, também, um devir. Dança imprevisível, errante, mobilizadora. E, como um devir, penso que não se conclui, não estaciona, mas tem potência para percorrer outros caminhos, não somente a partir daquela que escreve mas, também, a partir daquela que lê. Em forma de registro, me despeço do encontro com essas palavras e espero-desejo que elas alcem voos por aí.

Vejo que o encontro com o outro, que tanto me mobiliza e me toca, dentro e fora da clínica, foi o grande impulsor para navegar e registrar esse mar de afetações, impressões e interrogações. Travessia sem início e sem fim, construída no seu próprio percurso de ser. Com auxílio das palavras de Freire, vejo, em seu inacabamento, sua potência de vida. Assim, aposto em sua capacidade criativa e reinventiva.

Essa travessia também ressoa na forma de um desejo. Desejo de fazê-la sem fim, curiosa, disposta a transitar por outros lugares. Especialmente, neste momento, me coloco a olhar essa travessia em dança com a clínica e sinto existir espaço para construirmos, de forma cuidadosa, sensível e atenciosa, novas formas para as nossas práticas.

E o que é a clínica, senão o encontro com o outro? Esse encontro atravessa o corpo e, assim, sinto que as experiências dele emprestam ferramentas preciosas à clínica. Logo, o corpo da clínica se constrói, também, fora dos contornos acadêmicos. Assim, me parece importante pensar numa clínica do corpo-sensível, a partir da aposta em um corpo-conhecimento da curiosidade, da recepção, da descoberta, da experimentação, da presença. É esse corpo que ativa sua potência política e inventiva dentro da clínica.

Por fim, vejo a aposta em uma clínica do corpo-sensível como uma postura ético-política de afirmação e resistência, que busca se reinventar, se movimentar e construir outros e novos caminhos possíveis, frente a um sistema que anestesia e

estagna nossos corpos, que enrijece e serializa nossos fazeres, que reduz e desvitaliza nossos processos de conhecimento.

Finalizo este registro com uma escrita composta por recortes da minha experiência nos últimos anos como escutadora de histórias, uma das modalidades do encontro com o outro. Escutar histórias ocupa grande parte do meu processo de devir-psicóloga e me convoca constantemente a estar disponível e presente sensivelmente no encontro com o outro.

escutadora de histórias

para todas as pessoas de quem pude ser escutadora de histórias e com quem tive a honra de compartilhar travessias

em algum momento percebi que gostava muito de escutar histórias. acho que porque escutar histórias é viver um pouco delas também. a vida transborda pelas palavras. por isso, fazê-lo é belo e é difícil. a dor e a alegria não conhecem o tempo que conhecemos. às vezes, envelhecem aos pouquinhos. às vezes, se revigoram e reflorescem de outras formas. os entusiasmos, os lutos, os prazeres, os encantamentos, as angústias são sempre diferentes e singulares. movimentam-se entre as palavras. às vezes, surgem rapidamente para logo desaparecerem. às vezes, desvelam-se timidamente, até que possam fazer visitas mais longas. escutar requer aprender sobre dançar com o tempo. é preciso escutar o seu ritmo.

escutar é fazer travessias pelo mar do outro. e com o outro. elas são diversas:

algumas, aventuras; outras, tempestades; outras, ainda, andanças despreziosas que levam a destinos inesperados. o embarque às vezes é difícil. sentimos o balanço das águas. por entre ventos fortes, sóis resplandecentes, brisas leves e pés balançando n'água, há corpo que permanece, há entreolhar que transita. escutar é ouvir o momento de emprestar. empresta-se um desejo, uma palavra, uma borda. faz parte da travessia.

sou escutadora de histórias. histórias feitas de palavra, de emoção, de choro e de riso. permito-me ser travessia.

REFERÊNCIAS

ANZIEU, Didier. **O Eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**. 1. ed. Rio de Janeiro : Alfaguara, 2018.

BORGES, Hélia Maria Oliveira da Costa. **Por uma vida não fascista. Contribuições para uma clínica ativa**. Revista Polêmica. UERJ. vol. 10, série 4. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011. Disponível em: <<http://www.polemica.uerj.br/ojs/index.php/polemica/article/view/130/256>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

BORGES, Hélia Maria Oliveira da Costa. **Sobre o movimento: o corpo e a clínica**. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/4595>>. Acesso em: 8 jun. 2022.

COSTA, Fabiana Tomazzoni; MOEHLECKE, Vilene; FONSECA, Tania Mara Galli. Abrir o corpo da clínica. *In*: FONSECA, Tania Mara Galli; ENGLMAN, Selda (Orgs.). **Corpo, arte e clínica**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DORNELLES, Juliana Leal. O *clown* e a arte de perder. *In*: FONSECA, Tânia Mara Galli; ENGELMAN, Selda (Orgs.). **Corpo, arte e clínica**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GIACOMEL, Angélica Elisa; RÉGIS, Vitor Martins; FONSECA, Tania Mara Galli. Que tal um banho de mar... para ativar a potência política do corpo. *In*: FONSECA, Tânia Mara Galli; ENGELMAN, Selda (Orgs.). **Corpo, arte e clínica**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GIL, José Nuno. Abrir o corpo. *In*: FONSECA, Tânia Mara Galli; ENGELMAN, Selda (Orgs.). **Corpo, arte e clínica**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MENDONÇA, Marinella Morgana de. **As incidências da repetição no corpo, pela**

via da dor. Dissertação de mestrado. Departamento de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2006. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1843/VCSA-6WVMUV>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

MOSÉ, Viviane. **O homem que sabe: do homo sapiens à crise da razão.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem.** Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche hoje: sobre os desafios da vida contemporânea.** Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

MURTA, Claudia; FALABRETTI, Ericson. O autômato: entre o corpo máquina e o corpo próprio. **Nat. hum.**, São Paulo , v. 17, n. 2, p. 75-92, 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-2430201500020004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jun. 2022.

NASCIMENTO, Evando. O debate Foucault e Derrida: razões ou desrazões do pensamento. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 24, n. 40, 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/29031>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos (1869-1874).** 2. ed. Madrid: Tecnos, 2008.

PAULON, Simone Mainieri. Clínica ampliada: quem demanda ampliações? *In*: FONSECA, Tânia Mara Galli; ENGELMAN, Selda (Orgs.). **Corpo, arte e clínica.** 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PORTO, Maurício. A pólis arquipélago: notas do acompanhamento terapêutico. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. spe2, p. 2–8, 2013.

RESENDE, Catarina; CÂMARA, Júlia; LOYOLA, Luiza; GUIMARÃES, Victória. Micropolíticas do sensível, corporeidade e clínica. **Repertório**, Salvador, ano 22, n. 32, p. 220-243, 2019.1

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. *In*: LINS, Daniel (Org.). **Cultura e subjetividade: saberes nômades.** Campinas: Papirus, 1997.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel; RIBEIRO, Vera (Orgs.). **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.